

# MISCELLANEA

## I

### «HILO PORTUGUÊS»

A fama do fio de linho e fio de seda português era tão grande no século XVI que até figura na poesia popular, nos dramas e nas novellas da litteratura hespanhola. Parece que se vinha de longe comprar á Portugal esta linha de extraordinaria finura, «mais delgada que fio de aranha», e que os vendedores ambulantes a levavam para fóra. Ahi vão algumas provas:

1) No typo fundamental de um jogo infantil, que se encontra em Hespanha, Portugal e Italia, ha os versos:

*De Francia vengo, señora,  
de por hilo portugues.*

2) Na novella leonesa da «*Picara Justina*» se diz, a proposito de uma moça esperta, geitosa para tecer meadas tenuissimas que ella é

*en enredos hilo portugues.*

3) Lope de Vega, no drama engraçadissimo dos «*Locos de Valencia*», em que figura um namorado português, põe na bocca de uma donzella as palavras:

*Dén-me el hilo portugues  
que quiero hacer un garbin.*

4) E Cervantes introduz no «*Entremés da Guarda Cuidadosa*» um bufarínheiro que vae apregoando as suas mercancias, e entre ellas:

*tranzaderas, holanda de Cambray,  
randas de Flandes, é hilo portugues.*

## II

## PARA A HISTÓRIA DO L

Qualquer ouvido, ainda que não seja muito apurado, percebe perfeitamente a diferença que ha entre o primeiro e o segundo *l* da palavra *calcular*; o que agora me importa é o primeiro, que em phonologia se chama *l gutturalizado*<sup>1</sup>, e em português apparece principalmente em fim de syllaba (com certas restricções). Todas as palavras seguintes tem por exemplo esse *l*: *malidade, silva, relva, solfa, multa, tal, sol, azul, vil, annel*.

Interessaria á historia da nossa lingua saber se tal pronúncia do *l* é antiga ou moderna (pois que ella não se encontra nas outras linguas romanicas): mas como chegar a resultados praticos, se os nossos velhos grammaticos não nos elucidão bem a este respeito, e se não ha meio, nem mesmo pelo phonographo, que existe ainda ha pouco, de evocar do tumulo, e fazer fallar deante de nós, um português do sec. xiv ou anterior?

Vejamos.

Em muitos documentos, impressos e manuscriptos, do sec. xiv em deante, tenho notado que se escreve *ll* em vez de *l*, em casos (i. é, em fim de syllaba) em que agora se pronuncia *l* gutturalizado; concluo pois que, para o ouvido de quem escrevia, o *l* final de syllaba soava differentemente do *l* noutras circumstancias em que elle não é hoje geralmente gutturalizado, e por isso se dobrava para se distinguir d'este. Se se escrevia por exemplo *lata* e *tall*, é porque certamente o primeiro *l* não era igual ao segundo; ora, como hoje tambem não é igual, e podemos apreciar a gutturalisação do segundo, talvez se não erre deduzindo-se de tudo isto que para os nossos maiores *ll* representava o mesmo som que na actualidade representa para nós o *l* da palavra *alma*, quero dizer, representava já *l* gutturalizado.

Eis agora alguns factos:

Nas *Dissertações chronologicas e criticas* de João Pedro Ribeiro (*Dissert. 5.<sup>a</sup>*), pag. 302 sq. etc., encontrão-se as seguintes fórmas do sec. xiv: *estarell, quall, daquall, tall, Espítall, Gill, ell* (= elle), *Portugall, Montargill, Abruill, Prioll* (= prior), *sinall*, etc.

Do sec. xv não posso agora de prompto citar caso nenhum, mas de certo ha muitos.

Do sec. xvi noto os seguintes: num doc. ms. de 1509, lavrado em Lamego, e pertencente á casa da Quintan do meu amigo o Ex.<sup>mo</sup> Snr. João da Silveira Pereira Bravo, encontrei: *quall, quallquer, episcopall, guomçalves* (= Gonçalves), *tall, mill, reall, especiall, Cabrall, bacharell, synall*; noutro doc. da mesma casa, datado de 1529, lê-se:

<sup>1</sup> Sobre este *l*, vid. Gonçalves Vianna, in *Romania*, xii, 48 (num artigo importantissimo sobre a phonetica portuguesa).

*Quintãa d'ante mill* (o nome moderno é *Quintan d'Antemil*), *quall* e *quoll*, *ameall*, *reall*, *autoall* (= actual), *sinall*, *tall*, etc.; no *Foral* dado por D. Manoel em 1513 à villa do Cadaval (Extremadura), archivado na casa da camara, achei: *Cadauall*, *Villa rreall*, *Castell rrodrigo*, *reall*, *Almodouuall* (= Almodovar); no *Compromisso da misericordia de Guimarães* (impresso em Lisboa em 1516), archivado no respectivo cartorio, encontrei: *anall* (= annual), *Elysabell* (= Isabel), *papell*, *quall*, *roll* (mas no plural várias vezes *roles*, porque aqui o *l* não é gutturalisado, pois não fecha, mas abre syllaba; só uma vez *rolles* por influencia talvez da orthographia do singular); no *Foral* dado por D. Manoel ao couto de Vimieiro do *moesteiro de Santa Maria da hordem de Sam Bento*, anno de 1517, archivado na bibliotheca do paço patriarchal de Lisboa, achei tambem *tall lugar*, mas encontrei muitas vezes *l* simples, e até uma vez *mallega* (= malga; aqui o *ll* representaria a gutturalisação, e o *e* mal se pronunciaria?), o que porém não vae de encontro à minha these, já porque numerosos factos a apoião, já porque a regra orthographica nem sempre se observaria, como acontece com muita gente que, por exemplo, escreve *s* simples entre vogaes em circumstancias em que elle não deve ter o som de *z*.

E' provavel que para lá do sec. xiv appareção ainda mais casos. Em todos os que apresentei, o *l* final pronuncia-se hoje gutturalisado. Estabeleço portanto os dois principios seguintes, um de phonetica, outro de orthographia antiga: 1.º que o nosso *l* gutturalisado remonta pelo menos ao seculo xiv; 2.º que este *l* se representava por *ll*.

A outros mais auctorisados do que eu pertence agora dizer se acertei ou não.

J. L. DE V.

### III

#### Qual CASTELHANO FUNCIONALMENTE ANALOGO A quem PORTUGUÊS

No fasciculo 53 da notabilissima revista franceza de línguas e literaturas neo-latinas «Romania», correspondente ao mês de janeiro de 1885, em um artigo do sur. Morel Fatío «Notice sur trois manuscrits de la bibliothéque d'Osuna» (pag. 90), transcrevendo-se um trecho castelhano dum manuscrito do século xv, cita-se em nota como incompreensível esta frase (Je ne comprends pas cette phrase dont le texte semble altéré): «*E aun entre las desperadas aduersidades collocan qual gloria ninguna prosperidad non podria dar*». Parece-me sufficientemente claro o sentido; o vocábulo *qual* está aqui por *tal... qual*; a frase em castelhano moderno poderia construir-se d'este modo: *y aun entre las desperadas aduersidades collocan tal gloria cual ninguna prosperidad podria dar*. Emprego analogo tem o relativo portuguez *quem*, onde comprehende o seu antecedente com função diversa, como por exemplo: *não vi quem me indicaram*, — por *não vi aquelle que me*

*indicaram* <sup>1</sup>. Se fôr substituído a *cual* o adverbio *como*, nem mesmo será necessario inteirar a frase com *tal*: *E aun entre las desperadas adversidades collocan gloria, como ninguna prosperidad non podria dar*. Não é sómente a análise gramatical que elucida o sentido; de todo o contexto do trecho se depreende que é encarecido o empenho, a tenacidade e diligência literárias da pessoa a quem é dirigido, porque se lhe diz que dos estudos de humanidades *ningun trabajo, ninguna otra paçion e ningunos alcançados o perdidos favores non vos podrian arredrar*.

Emprêgo semelhante de um pronome conjunctivo valendo por um relativo e o seu antecedente era já comum em latim, e para exemplo basta citar o verso de Ovidio

*Quod cupio mecum est, inopem me copia fecit*

no qual *quod* vale por objectivo de *cupio* e por sujeito de *est*, isto é, por accusativo e por nominativo.

A. R. GONÇALVES VIANNA.

#### IV

##### TANGRO-MANGRO

Parece-me que o texto mais antigo em que se menciona, abreviadamente, a decantada formula do *tangro-mangro*, ainda não foi relevada por nenhum dos eruditos que a tentaram elucidar. Acha-se no *Canc. de Resende*, (vol. 1, pag. 207) numa cantiga em que Alvaro de Brito apoda o contador Pero Borges, porque deu mau despacho a um seu pedido, em phrases bastante, aliás, escuras, chamando-o por ex.

arisco gozo corrido,  
saro rralvalco, mostrengo,  
nam ha mais num bexodido,  
casy casy tengomengo.

CAROLINA M. DE V.

<sup>1</sup> (Póde-se ainda comparar, quanto ao sentido, o italiano *qual* na seguinte passagem de Dante (*Vita Nuova*, § 22): «certo ella piange si che *qual* la mirasse dovrebbe morire di pietade»; aqui *qual* está em vez de *chi*, e corresponde ao português *quem* (=aquelle que). — *J. L. de V.*)

## V

## INSCRIÇÕES LUSO-ROMANAS

Em Setembro de 1883, por ocasião de uma excursão scientifica que fiz em Tras-os-Montes, encontrei na povoação de Duas-Igrejas (concelho de Miranda-do-Douro) as seguintes inscrições romanas se-pulcraes, que supponho ainda ineditas :

- 1) C. ANNIO.  
SILVANO.  
AN L. ANNI <sup>1</sup>  
VS. RVFINVS  
PATRI

*Traducção*: «Annio Rufino a seu pai Caio Annio Silvano, de 50 annos». — Esta inscrição está gravada num granito rectangular, que mede aproximadamente de largura 1 palmo e 5 polleg. e de altura 2 palm. e 5 polleg.; acha-se numa parede, dentro de um *cabanhal* <sup>2</sup>, junto à igreja da freguesia.

- 2) SILVIO. SILVANO  
ANN. XXV.  
SILVIVS. CALVVS  
FRATRI

*Traducção*: «Silvio Calvo a seu irmão Silvio Silvano, de 25 annos». — Esta inscrição está num granito rectangular, que mede de comprido aproximadamente 6 palm. e 3 polleg. e de largo 2 palm. e 4 polleg. Acha-se ao pé da antecedente.

- 3) SILVANO.  
APILICI. F

*Traducção*: «A Silvano, filho de Apilico». Esta inscrição está na parede exterior da casa da residencia parochial, junto ao caminho; mede de largura uns 2 palm. e 3 1/2 polleg. e de altura uns 5 palmos.

<sup>1</sup> Na inscrição o *I* d'esta palavra não está distincto, mas sim no prolongamento do *N*. Por difficuldade typographica não se assignala isso.

<sup>2</sup> *Cabanhal*, em mirandês, significa o mesmo que noutros pontos de Tras-os-Montes *cabanhal*, na Beira-Alta *quintã* e *quinteiro*, e no Baixo-Minho *inzida*.

4)

SILVIAE CALVI  
 NAE. AN. <sup>1</sup> XXVIII  
 ET. C. SILVIO ANN. <sup>2</sup> I  
 SILVIVS CALVINVS  
 FILLE ET NEPOTI. <sup>3</sup>

*Tradução:* «Silvio Calvino a sua filha Sílvia Calvina, de 28 annos, e a seu neto Caio Sílvio, de 1 anno». Esta inscripção achei-a num palheiro, está num granito, e tem de altura uns 7 palmos e de largura uns 2 palm. e 3 polleg.; a parte inferior da pedra é mais branca do que a superior, o que mostra que ella esteve enterrada a pino.

Nestas inscripções predominão, como se viu, os nomes *Silvio* (e *Silvia*) e *Silvano*. Como ellas apparecêrão no territorio em que se falla a *lingua mirandesa*, provão pelo seu lado que o latim foi fallado nesse territorio <sup>4</sup>, o que vem em apoio da minha theoria, aliás em harmonia com os princípios glottologicos, de que o mirandês não resulta de uma mistura do portuguez com as linguas de Hispanha, mas representa pelo contrario uma phase directa do idioma dos Romanos modificado *in loco* pelos povos d'aquella parte da Lusitania.

Alem das inscripções transcriptas, encontrei a tampa de uma sepultura bastante curiosa, que tornarei conhecida na integra noutra occasião, porçue é necessario fazer uma gravura; nessa sepultura ha um symbolo em fórma de espiral (swastika?) analogo a outro da Cítania e Sabroso, e uma inscripção, de que só se lê... RIO... ONI... XXV: mas depois me occuparei d'isto mais detidamente.

J. L. DE V.

## VI

### PROLEPSE PHONETICA

Designamos por este nome um phenomeno phonetico de que ainda nenhum linguista fez menção, cremos nós, e que consiste em substituir a letra inicial de uma palavra pela letra tambem inicial de outra que se tem na mente e que se deve seguir mediata ou immediatamente áquella que primeiro se proferiu, succedendo tambem que ás vezes, ainda que pouco frequentemente, a primeira letra d'esta

<sup>1</sup> No original nesta palavra o *N* não se distingue do *A*, mas fórma corpo com elle. Cfr. a not. 2 da pag. precedente.

<sup>2</sup> O primeiro *N* não se distingue do *A* no original, mas está unido. Cfr. a not. anterior.

<sup>3</sup> No original o *E* está incorporado no *N*. Cfr. a not. antecedente.

<sup>4</sup> Ha ainda outros vestigios romanos achados em terras perto de Miranda, como por exemplo *moedas*, de que colhi e possuo algumas.

ultima palavra é substituida pela letra inicial d'aquella. Dá-se isto as mais das vezes nas pessoas que fallão com certa rapidez, e pôde dizer-se que é na phrase o mesmo que a metathese é em um vocabulo. Exemplos: *o momen e a mulher* em lugar de *o homem e a mulher*; *o Fendes Ferreira* em lugar de *Mendes Ferreira*; *a quouça* etc. ouvimos a uma pessoa que queria dizer a *louça quebron-se*.

Este phenome é uma confirmação de que a *palavra interior* é effectivamente mais rapida do que a palavra andivel. Cfr. o bello trabalho de Victor Egger, *La parole intérieure*, pag. 69.

JULIO MOREIRA.

## VII

### MATERIAES PARA UMA EDIÇÃO CRITICA DO REFRANEIRO PORTUGUÊS

A fim de formar uma collecção completa dos numerosissimos e interessantes proverbios portuguezes, e para determinar, com a exactidão possivel, a idade, a formação, o sentido e o teor original d'estas importantes creações do genio popular, ando extractando, pouco a pouco, de todos os monumentos litterarios, anteriores ao seculo xvi, as respectivas citações e glossas. Começo hoje a publicar o que recolhi, principiando, como é justo, pelos mais antigos documentos, nos quaes, aliás, já se nota a tendencia de não citar um unico anexim vulgar sem invocar, para sanciona-lo, — o tempo passado e o velho uso.

Os fragmentos publicados do grande cancionero palaciano dos seculos xiii e xiv — *Trovas e Cantares*, (i. é, *Cancioneiro da Ajuda*), *Cancioneiro da Vaticana*, e *Cancioneiro Collocci-Brancuti* — ministram, entre raras allusões a crenças e superstições populares, uma pequena serie de proverbios, aos quaes se dá o nome de «*verbos antigos*», mas que na boca do povo se chamavam «*rifões*». Alguns d'elles vivem ainda hoje, inalterados, na tradição nacional; outros modificaram-se; e ainda outros parecem perdidos.

1) *A boy velho não busques abrigo*. Proverbio conhecidissimo, recolhido já pelo primeiro autor de um refraneiro peninsular, o marqués de Santillana, entre os ditados «*que las viejas dicen tras el fuego*», citado posteriormente por todos os colleccionadores de proverbios, e incidentemente tambem por muitos escriptores que queriam enunciar em fôrma humoristica a ideia de que os escarmentados não precisam de quem os ensine. O hispanhol diz: (*Al*) *buey viejo no (le) cates abrigo* ou *A buey viejo no le cates majada que el se la cata*. — Serve de «*refran*» á cantiga de maldizer n.º 1:162 do Canc. da Vat., linhas 5, 10 e 15.

*E, porém, diz o 'verv' antigo:*  
*a boy velho non lhí busques abrigo!*

2) *De longas vias, longas mentiras.* Santillana: *de luengas vias, luengas mentiras.* Na cant. 979 do Canc. da Vat., um trovador, metejando de um rico-homem «mentireiro», allega o proverbio com intencionalidade satyrica:

*De longas vias mui longas mentiras,  
est' é vervo antigo, verdadeiro.*

3) *Quam longe dos olhos, tam longe do coração.* Santillana: *Tan luene de ojos, tanto de corazon.* Variante port.: *Longe da vista, longe do coração.* A cantiga n.º 900 do Canc. da Vat., na qual o proverbio é applicado como «refran» (linhas 5, 10 e 15), contesta a sua verdade, a qual um fiel amante não pôde reconhecer.

*E pero muy longe de vós vivi,  
nunca aqueste vev' antig' achei:  
quam longe d'olhos, tão longe de coração.*

4) *O mal e o bem á face vem.* (Vid. B. Pereira, etc.). Serve de thema á cantiga n.º 219 do mesmo codice.

1-3 *Ouç'eu dizer hum vev' aguisado  
que «bem e mal sempre na face vem»,  
e verdad' é.....*

cfr. 7 *porque o vev' em meu dan' é provado*  
14 *está o vev' em meu dano tornado*  
21 *em men dan' é o vervo assacado*  
23 *que este vervo que eu sempr' ouvi  
é com verdad' em meu dan' acabado.*

5) *Quem leve vai, leve vem.* — Cfr. *Quem tolo vai a Santarem, tolo vai e tolo vem.* — O dictado parece indicar que um homem de rapidas resoluções muda facillimamente de parecer; desconheço-o, comtudo, e não sei dizer se é hoje usado, como os quatro primeiros, e se existe na Galliza, em Hispanha etc.

Canc. da Vat. 713.

*Foy-ss' o meu amigo d'aqui  
sanhudo porque o non vi,  
e pesar mi ha; mas oi  
hum vev' antigo, e mui bem  
verdadeir' é, ca diz assi:  
quem leve vay, leve x'ar vem.*

6) *Quem passarinhos receia, milho não semeia, i. é, quem não arisca, não aprisca, ou quem não se aventurou, não perdeu nem ganhou.*

— Nunca o li, nem o ouvi. A cant. n.º 284, II, do Canc. da Vat. afirma, porém, que se trata de um proverbio:

*Ca diz o verco que non semeou  
milho quem passarinhos receou.*

7) Na Cant. n.º 997 da Vat., o chanceller de D. Dinis, D. Estevam da Guarda, se queixa de um seu amigo que não foi visita-lo durante uma doença, e ameaça pagar-lhe na primeira occasião, com a mesma moeda, citando

*hum verv' antigo, com sanha que ha,  
«como thi cantardes, bailemos acó»,  
ca non ha porque rus baile melhor.*

Conheço o dictado castelhano: *Al son que me hizieres a esse bailaré,* mas ignoro a fôrma portuguesa. <sup>1</sup>

Até aqui as formulas, que os proprios poetas classificam entre *os verros antigos*. Ha comtudo outras, mais difficeis de reconhecer, porque, além de não serem allegadas textualmente *ipsis verbis*, não teem rubrica que as caracterise claramente como sentenças da philosophia popular:

8) *Guardado é o que Deus guarda* (Vid. B. Pereira, etc.). Canc. da Vat. n.º 566, 24 a 27:

*e entendi m'eu des entom  
que «aquel é guardado  
que dês guarda», que des entom  
é tod' ome guardado.*

No manuscrito da Bibliotheca Real da Ajuda, descobrimos a fl. 109 v., uma nota marginal, de letra do sec. xv, na qual se acha consignado o proverbio. Diz: «e por este se disse: guardado he quem deos guarda».

9) Canc. da Vat. 1:082, 8 e 9:

*qual ricomen, tal vassalo,  
qual concelho, tal campana!*

Não sei se ainda existem; têm, comtudo, evidentemente, fôrma proverbial, e lembram uma longa serie de equiparações parecidas, por exemplo:

<sup>1</sup> [E' ainda hoje vulgar no nosso povo o dictado «consante se toca, assim se dança». — *J. L. de V.*]

*qual o rey, tal a ley ou tal a grey*  
*qual a ley, tal a grey*  
*qual o tempo, tal o tento*  
*tal a mãe, tal a filha*  
*tal de mim, tal de ti*  
*tal o dado, tal o dador*  
*tal amo, taes creados, etc., etc.*

10) Julgo reconhecer um rifão popular na passagem seguinte da cantiga n.º 705 do Canc. da Vat.

*E bem entendo que fizo folia,*  
*e dizem verdade, per húa rem,*  
*«do que muyto quer, a pouco devém».*

*Devem de devir* == *devenir*. i. é *chegar*. — Cfr. *Quem muito abarca ou abraça, pouco aperta* e *Quem tudo quer, tudo perde*, (allusivo ao Cão do Fabulista). — Talvez se perdesse ou se modificasse, por causa do archaísmo *devém*.

11) Coll. Branc. 368, 3, 6 e 9:

*Quem leva o bayo, non deixa a selo.*

12) Coll. Branc. 375, 4, 8 e 12:

*Castanhas sahidas (ou eixidas), e velhas ao soute*<sup>1</sup>.

13) Coll. Branc. 376, 5:

*Cada casa favas lavam.*

14) Coll. Branc. 364:

*se húa vez assanhar me fazedes,*  
*saberedes quaes peras eu vendo*<sup>2</sup>.

15) Canc. da Vat. 321, 13:

*Acuytor comestes, que adevinhades*

phrases estas que parecem ser proverbias, mas que ainda não descobri em outra parte.

Fevereiro de 1887.

CAROLINA M. DE V.

<sup>1</sup> [Em Rôças, conc. de Vieira (Minho) diz-se hoje: «Sontáije acabada, velhas ao soute». — *J. L. de V.*]

<sup>2</sup> [Parece relacionar-se com o dictado popular: «Nunca jogue' las pèras — Com quem come as maduras — E te dá as verdes». — *J. L. de V.*]

## VIII

PRONÚNCIA DO **H** LATINO NO SEC. V

A pag. 399 do t. XI da *Romania*, diz o snr. G. Paris: «Corsen, Diez et d'autres savants ont établi par diverses preuves l'affaiblissement de l' *h* initiale dans la prononciation du latin dès les premiers siècles de l'empire. Un témoignage intéressant, qui ne nous paraît pas encore avoir été relevé, de l'état flottant de cette prononciation nous a été signalé par M. Heinrich, doyen de la Faculté des lettres de Lyon». Este testemunho é S. Agostinho, nas *Confissões*, I, I, c. XVIII, cujo trecho G. Paris transcreve.

Pede a verdade que se diga que, antes do snr. Heinrich, já um escriptor português havia aproveitado aquella passagem de S. Agostinho para mostrar que o *h* latino era um signal de aspiração: foi Antonio de Mello da Fonseca (pseudonymo de José de Macedo), auctor dos sec. XVII-XVIII, no *Antidoto da lingua portugueza*, Amsterdam s. d., livro em que ha, pelo que respeita a glottologia, uma grande falta de senso critico, mas onde abunda a erudição. O auctor português, depois de citar Catullo, Cicero, Aulo Gellio, Quintiliano e Angelo Policiano, a respeito da aspiração latina, termina assim: «exaqui hum texto do grande Padre Santo Agostinho, no qual, melhor que nos destes Autores, veremos se os antigos pronunciavão a aspiração, onde nós hoje a não pronunciamos: *¶. . . si contra disciplinam grammaticam sine aspiratione primae syllabae omnem dixerit, magis displiceat hominibus etc.*» pag. 145.

Esta pronúncia aspirada era porém, como bem nota G. Paris, sómente na sociedade culta, pois numerosos documentos attestão que ella tinha desaparecido da linguagem popular em tempos anteriores ao de S. Agostinho.

J. L. DE V.